

# Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

## A cultura cidadã e a diminuição da violência em Bogotá [Citizen culture and the decrease of violence in Bogotá]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Mockus,Antanas
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-05 09:41:13
Link to Item	<a href="http://hdl.handle.net/20.500.12424/162517">http://hdl.handle.net/20.500.12424/162517</a>

# A cultura cidadã e a diminuição da violência em Bogotá

Entrevista com Antanas Mockus



*IHU On-Line* realizou uma rápida entrevista telefônica com o candidato à presidência da Colômbia Antanas Mockus Sivickas, na semana passada às vésperas das eleições colombianas acontecidas ontem, dia 28 de maio.

Mockus é filósofo, matemático e político colombiano. Mockus foi reitor da Universidade Nacional da Colômbia. Posteriormente foi prefeito de Bogotá durante dois períodos. Na sua primeira gestão, (1995-1997), pela primeira vez o governo local envolveu-se no planejamento e implantação de ações concretas em matéria de segurança urbana, e a problemática da violência na capital foi priorizada em seu plano de governo, inspirado naquilo que foi denominado *Cultura Cidadã*. Na segunda gestão de

Mockus (2000-2003), foram mantidas as iniciativas relacionadas à cultura cidadã e constaram-se grandes avanços na construção da segurança pública. Na entrevista a seguir, concedida por telefone,

que teve que ser interrompida pelo candidato para receber uma delegação da OEA, ele relata as diversas medidas implantadas para aumentar a segurança pública em Bogotá.

## ***IHU On-Line* - Quais foram os principais desafios em relação às questões de segurança urbana?**

**Antanas Mockus** - Uma parte crucial foi organizar com periodicidade mensal o conselho de segurança. Propomos nos reunir e divulgar mensalmente informação, inicialmente só sobre homicídios, mas buscando informações sempre melhores e mais detalhadas. Também optamos por dar altíssima prioridade à luta pela proteção da vida. Isso foi o começo. Usamos um enfoque chamado de criminológico, tomado da medicina, graças ao qual se foram concentrando os operativos preventivos. Em segundo lugar, foram atacados os fatores de risco que são consumo de álcool e porte de armas, e, de maneira indireta, violência intrafamiliar. Começamos a trabalhar com esses três fatores de risco na Prefeitura. É necessário destacar que, no Conselho de Segurança, a polícia era só uma das

vozes, tinha outros enfoques, outras vozes. Criou-se um só conselho mas muito variado com análise estatística que atualiza o mapa de dados para ver onde se concentram os delitos, que delitos são esses e a que horas acontecem. Além disso, adotou-se o enfoque de “cultura cidadã”, em que a linguagem do tema de segurança é reelaborada, promovendo-se a autodisciplina e a auto-regulação das pessoas por consciência, por mecanismos de moralidade, interiorização de regras, compreensão racional de objetivos das regras etc. As pessoas obedecem às regras não só por temor à multa ou ao presídio, mas também por temor à culpa e à rejeição social. A boa conduta estaria estimulando o reconhecimento social. De alguma maneira, criou-se uma agenda do cidadão em relação ao comportamento, que sempre pode ser melhorado, e os cidadãos mesmos

podem ajudar pacificamente a melhorá-lo. Cada cidadão pode melhorar o comportamento do outro e vice-versa. Desenvolvendo-se a habilidade de se deixar corrigir e corrigir amavelmente, a pessoa envolve-se em um processo coletivo de melhorar o comportamento. Isso aplicou-se às regras de trânsito com respeito ao uso do cinto de segurança, às faixas de pedestres e às sinalizas. Além disso, criaram-se centros de mediação e conciliação onde a letra um pouco fria e indiferente da lei é reelaborada de forma cultural mais próxima, tocando os valores morais das pessoas. Funcionários públicos treinados em técnicas de conciliação e mediação ajudaram a resolver muitos pequenos conflitos. Temos na cidade 20 comissárias de família com esse enfoque e 10 centros de mediação e conciliação.

***IHU On-Line* - Houve avanços significativos em relação ao combate à violência na cidade de Bogotá?**

**Antanas Mockus** - Sim. A taxa de homicídios que, em 1993, tinha chegado a 80 homicídios para 100 mil habitantes por ano se reduziu a 23 homicídios para 100 mil habitantes, em 2003. Desde essa data mais ou menos se mantém constante.

***IHU On-Line* - Como foram suas relações com a guerrilha e os grupos armados?**

**Antanas Mockus** - Não houve nenhuma tentativa de aproximação ou negociação. O que houve, sim, foram algumas ações terroristas e respondemos, buscando promover a resistência civil, o rechaço cidadão.

***IHU On-Line* - Foi ameaçado de morte pela Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC)?**

**Antanas Mockus** - Sim, fui ameaçado de morte e comecei a usar um colete antibalas com um pequeno buraco no lugar do coração, como forma de ironizar e reconhecer a ameaça, mas

também tomar distância esteticamente dela.

***IHU On-Line* - Qual é sua avaliação do Governo Uribe e seu combate à violência?**

**Antanas Mockus** - Teve lados positivos e devolveu ao país muita esperança. Houve um grande contraste com o governo Pastrana<sup>15</sup>. Ao governo Pastrana tocou-lhe o papel de brando, de boa fé burlada, então o presidente Uribe beneficiou-se enormemente do efeito contraste. Parece um governo que defende a segurança e obtém resultados, pois reduziu em 30% o número de homicídios e em 50% os seqüestros. Há que levar em conta que junto com a diminuição houve também uma variação na forma de contabilizar os seqüestros, mas, independente das cifras, houve, sim, uma redução. Algumas rodovias colombianas, as mais transitadas, são hoje mais seguras, e as pessoas têm recuperado a percepção de segurança no país.

***IHU On-Line* - Acha que é possível um diálogo com a guerrilha?**

**Antanas Mockus** - Considero que é muito difícil. As tentativas feitas

---

<sup>15</sup> **Andres Pastrana (1954):** Membro do Partido Conservador foi eleito presidente da Colômbia em 1998. É jornalista e filho do ex-presidente Misael Eduardo Pastrana Borrero. No primeiro ano de seu mandato iniciou um ambicioso processo de negociações com o principal grupo guerrilheiro, as FARC. Criou uma gigantesca zona desmilitarizada com cerca de 42 mil quilômetros quadrados, que ficou na prática sob o controle das FARC. Uma grande crítica de seus adversários partiu do princípio de que as negociações de Pastrana não previam um cese de hostilidades, o que permitiu que as FARC ampliassem seu poder militar ao mesmo tempo que discutiam os temas de paz. No final de seu mandato, em 2002, o presidente Pastrana decidiu encerrar as conversas com as FARC. Sua popularidade caiu de forma assombrosa, o que permitiu que o maior crítico de suas políticas, o dissidente liberal Álvaro Uribe Vélez, ganhasse força política suficiente para eleger-se Presidente da República. Em 2005, Pastrana foi escolhido por Uribe para ocupar o posto de Embaixador da Colômbia em Washington. (Revista *IHU On-Line*)

produziram mais violência. No período do presidente Pastrana, produziu-se uma intensificação tremenda da violência praticada pela Farc e pelos paramilitares, então, na hora de conversar o que se produziu foi uma intensificação da guerra. E isso obviamente a sociedade colombiana não aceitaria uma segunda vez. Hoje seria necessário algo muito mais breve seguramente mediado pela

Cruz Vermelha Internacional ou pelos chamados países amigos. Deveria ser algo muito preciso para chegar a resultados. Eu acredito mais do que numa solução negociada, numa solução pelo lado da pressão social, das famílias, das comunidades, das igrejas, do sistema educativo, dos meios de comunicação, enfim de todo o país, para diminuir a violência.

## O crime organizado está fora das favelas

Entrevista com João Trajano



Para João Trajano de Lima Sento-Sé, pesquisador da UERJ, o crime organizado, ao contrário do que se pensa, não está nas favelas do Rio de Janeiro ou nas prisões de São Paulo. “Ele se encontra nas redes de lavagem de dinheiro, nas conexões do narcotráfico e do tráfico de armas com agentes do Estado e com empresas aparentemente ‘limpas’”. A afirmação foi feita em entrevista por e-mail à *IHU On-Line*. Trajano é graduado em Ciências Sociais pela UFRJ, Mestre em Ciência Política pela Sociedade Brasileira de Instrução - SBI/IUPERJ, e em Comunicação pela UFRJ. Doutor em Ciência Política pela Sociedade Brasileira de Instrução - SBI/IUPERJ, com tese intitulada *Estetização da Política e Carisma. O Caso do Brizolismo no Rio de Janeiro*. Autor e organizador de diversos livros, entre os quais citamos *Pensamento Social Brasileiro*. São Paulo: Cortez, 2005 e *Prevenção da Violência. O Papel das Cidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. Trajano concedeu entrevista à Revista IHU On-Line, nº 106, de 28 de junho de 2004 sob o título: *Brizola buscava um socialismo adaptado à cultura brasileira*.

**IHU On-Line - Foi surpresa para o senhor o que aconteceu em São Paulo?**

**João Trajano** - Não. O sistema penitenciário no Brasil (e não somente em São Paulo) é um barril de pólvora que produz explosões recorrentes. Temos a quarta maior população

carcerária do mundo e mantemos cerca de 600 mil pessoas presas nas piores condições possíveis. A Lei de Execuções Penais não é respeitada pelo Estado. Os presos não têm seus direitos preservados. Vivem amontoados em péssimas condições de higiene. Progressões de pena não são cumpridas.